

## Paquetes, vapores e outras embarcações na *Ode Marítima* de Álvaro de Campos: uma abordagem enunciativa

António Barreira Moreno

**Abstract:** This text has as its starting point the relationship between knowledge and subjectivity. It is argued that this relationship determines the defining properties of nouns in the literary text. In this context, it is proposed an analysis (within the Theory of Predicative and Enunciative Operations) of the nouns that designate vessels in the *Ode Marítima* de Álvaro de Campos. The occurrences of these nouns ('veleiro', 'nau', 'barco', 'navio', 'paquete' e 'vapor') will be characterized by the relation with the utterance situation parameters (subject, time, and space). In particular, the relationship with the parameter space allows us to identify the necessary properties that characterize these nouns in the text.

### 1.

O estudo apresentado neste texto foi motivado pelos dois artigos que Maria Henriqueta Costa Campos escreveu sobre a *Ode Marítima* de Álvaro de Campos: *Modalização e referência nominal*, publicado pela primeira vez em 1991 e *Exercício sobre uma ode*, publicado em 2003.

No âmbito da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), quadro no qual se situa a investigação de Campos assim como o estudo apresentado neste texto, as relações entre linguística e literatura têm sido, de um modo geral, raras e indiretas, considerando a investigação desenvolvida em França. Danon-Boileau (1982) é, em vários sentidos, um caso particular.

Na obra de Antoine Culioli, o texto literário serve para fornecer um ou outro raro exemplo, ainda que as relações teóricas entre linguística e literatura tenham sido matéria de reflexão teórica (p. ex. Culioli 1975-76: Cap. 3). Na verdade, o que importava para Culioli era a língua oral, na sua plasticidade, caracterizada por ser deformável e ajustável. No entanto, Culioli reconhece que o texto literário pode ser um objeto incontornável para a linguística: "Il est certain qu'il n'existe pas de communautés sans production littéraire, orale, écrite, mythique, sous forme de contes... et qu'il serait insensé de ne pas en tenir compte" (Culioli 1975-76: 23)<sup>1</sup>.

Curiosamente, se consideramos um domínio de aplicação da TOPE, a investigação/ensino do inglês em França, o texto literário é frequentemente usado como fonte de dados linguísticos, tal como se pode verificar em vários volumes dos *Cahiers de Recherche* (publicados pela Ophrys) ou em obras de Janine Bouscaren. Neste caso, porém, o recurso ao texto literário é fundamentalmente instrumental.

Contrariando este panorama, e considerando o texto literário como um objeto integral e autónomo, a análise linguística do texto literário, no âmbito da TOPE, parece ter despertado recentemente um produtivo interesse. A organização de um colóquio sobre a relação entre a teoria de Antoine Culioli e a literatura, em 2016, na Universidade de Pau et des Pays de

<sup>1</sup> Para uma visão geral e teórica sobre literatura e linguística nos textos de Antoine Culioli cf. Bédouret-Larraburu, S. & Copy, C. (2018b).

l'Adour, cujos textos são editados por Bédouret-Larraburu & Copy (2018a), é talvez um sinal deste renovado interesse.

No trabalho de investigação de Maria Henriqueta Costa Campos, o texto literário, na sua especificidade, foi objeto de reflexão ao longo da sua carreira, tendo abordado textos de autores como Fernando Pessoa (Álvaro de Campos, Ricardo Reis) Miguel Torga, ou Virgílio Ferreira. Sinal deste interesse é o facto de, no seu primeiro artigo publicado (de acordo com a bibliografia da autora disponibilizada em <http://clunl.fcsh.unl.pt/maria-henriqueta-costa-campos-1929-2004/>), Campos (1979) ter proposto precisamente uma abordagem linguística de uma ode de Ricardo Reis. Ainda mais revelador é o modo como Campos (2003), segundo artigo sobre a Ode Marítima, termina o seu texto:

Ao contribuir para a leitura de um texto poético com recurso a um conjunto estruturado de conceitos gramaticais, devolvo à Gramática a sua intenção inicial de, como entre os gregos, ser antes de mais, feita para a poesia.

Como é evidente, esta declaração não pode ser entendida como a defesa do texto literário enquanto objeto privilegiado, e muito menos exclusivo, da linguística, mas deve antes entender-se como a manifestação de uma estima particular pela literatura. Tal declaração parece responder a uma interrogação de Culioli (1975-76: 22): “On peut alors se demander si la condition même d’existence des théories linguistiques n’est pas liée à l’existence des textes littéraires?”

## 2.

Partindo de uma implicação modal que relaciona necessidade e verdade (representável como ‘se p é necessário, então p é verdadeiro’), Campos ([1991]1997), recupera uma distinção entre dois tipos de modalidade epistémica: suputação e necessidade epistémica.

A primeira, suputação, pode ser entendida como uma modalidade epistémica subjetiva: o conhecimento transmitido pelo enunciado é uma construção ou uma interpretação do sujeito a partir de dados ou indícios mais ou menos diretos.

A segunda, necessidade epistémica, pode ser entendida como modalidade epistémica objetiva, ou seja, como conhecimento que se impõe ao sujeito (e que lhe é exterior, por isso), a partir de pré-construídos epistemológicos ou culturais com um grau maior ou menor de universalidade. Sendo uma modalidade objetiva, a necessidade epistémica fundamenta a implicação modal anteriormente referida (‘se p é necessário, então p é verdadeiro’).

A questão, porém, é a de saber como se manifesta nas línguas o conceito de ‘necessário’. Segundo Campos ([1991]1997: 135,137), o modal ‘dever’ pode, em condições enunciativas muito específicas, marcar a ‘necessidade’:

- (1) a. O João deve estar em casa.
- b. Pões a água ao lume e ela deve ferver quando atingir 100°.

No exemplo (1a), ‘dever’ não garante a verdade de ‘O João estar em casa’, indicando (na sua leitura epistémica) um conhecimento construído como provável pelo locutor.

Pelo contrário, (1b) corresponde a um processo inferencial através do qual o locutor assume o seu enunciado localizando-o em relação a um pré-construído genérico/epistemológico ('a água ferve a 100°'). A relação predicativa modalizada por 'dever' corresponde então à predicação de uma propriedade definitória de 'água'.

Em (1a), o valor modal está associado à não certeza do locutor e, em (1b), estabelecendo-se uma relação entre necessidade e verdade, o valor modal exprime a certeza do locutor a partir de um pré-construído (Campos ([1991]1997:135)).

Apesar de se poder estabelecer alguma ambiguidade entre suputação e necessidade epistémica, Campos (idem) especifica que tal ambiguidade é rara, porque raros são também os enunciados como o de (1b).

No entanto, particularmente no texto literário, a ambiguidade, ou melhor, a sobreposição entre suputação e necessidade epistémica parece ser produtiva, tal como pode ser ilustrado pelo seguinte verso da *Ode Marítima* de Álvaro de Campos<sup>2</sup>:

(2)

E o pacote vem entrando, porque deve vir entrando sem dúvida, (128)

Pela coocorrência com o adjunto 'sem dúvida', o modal 'dever' apenas pode receber uma interpretação de suputação. Este adjunto marca um conhecimento não-certo do locutor.

Assim sendo, se o valor em causa fosse exclusivamente de suputação, este seria inferido pelo sujeito da locução a partir de indícios/vestigios ou de uma qualquer outra forma aproximada. No entanto, uma modalidade subjetiva é expressamente negada no verso seguinte

(3)

'E não porque eu o veja mover-se na sua distância excessiva'. (129)

O modal 'dever' neste caso participa numa estrutura do tipo 'p porque deve p': "o pacote vem entrando porque 'vir entrando' é uma propriedade que faz parte da noção subjacente a 'pacote'" (Campos: idem, 139).

Temos então (em (2)-(3)) uma estrutura híbrida que sobrepõe suputação e necessidade epistémica: é construído um conhecimento subjetivo, marcado por 'sem dúvida', mas negado no verso seguinte. Tal negação conduz a uma relação entre necessidade e verdade, de acordo com a estrutura da implicação modal referida inicialmente: 'se entrar é necessário, então entrar é verdadeiro'<sup>3</sup>.

Os versos que se seguem aos indicados em (2) e (3) explicitam o carácter subjetivo desta inter-relação entre necessidade e verdade:

<sup>2</sup> Ed. Ática, 1944 (imp. 1993), disponibilizada pelo Arquivo Pessoa em <http://arquivopessoa.net/textos/135>.

É indicada a numeração dos versos entre parênteses à direita.

Dada a formatação do texto, em colunas, os versos citados ocupam mais do que uma linha. No entanto, é fácil a identificação, pois todos os versos começam por maiúscula.

<sup>3</sup> Note-se que o adjunto 'sem dúvida' impede uma leitura não-epistémica de 'dever'.

(4)

Na minha imaginação ele está já perto e é visível (130-1)  
Em toda a extensão das linhas das suas vigias.

Se assim é, se aceitarmos que a interdependência entre necessidade, verdade e subjetividade pode ser um traço definidor do texto literário, então este deverá ser transversal, ou seja, deverá relacionar-se com os fundamentos da enunciação. Neste sentido, serão analisadas as operações de localização em relação à situação de locução<sup>4</sup> construída no e pelo texto literário em estudo.

Partindo desta hipótese, e recuperando a abordagem de Campos ([1991]1997) e (2003) para os nominais ‘paquete’ e ‘vapor’, iremos analisar todos os nominais que na Ode Marítima designam embarcações, a saber, ‘paquete’, ‘vapor’, ‘navio’, ‘barco’, ‘nau’ e ‘veleiro’. E porquê estes nominais em particular? A sua relevância linguística deve-se, entre outros, ao facto de serem termos localizados em relação à situação de locução, fundamentalmente, em relação ao parâmetro espaço da locução, o ‘cais’ que encontramos logo no primeiro verso (cf. (5)). Tratando-se de nominais que designam embarcações, associáveis a propriedades como ‘movimento’ ou ‘direção’, a localização em relação ao espaço da locução poderá assim fornecer elementos para uma análise produtiva, que contribui também para a leitura literária do texto em estudo.

No início do poema pode ler-se o seguinte:

(5)

Sozinho, no cais deserto, a esta manhã de Verão, (1-3)  
Olho pró lado da barra, olho pró Indefinido,  
Olho e contenta-me ver,

Os três primeiros versos permitem identificar todos os parâmetros constitutivos da situação de locução<sup>5</sup>: o sujeito da locução ou locutor (um ‘eu’ marcado pelas desinências verbais e pelo clítico ‘me’); o tempo da locução, simultâneo ao tempo do enunciado (marcado pelo presente indicativo), e especificado por ‘esta manhã de verão’; o espaço da locução, ‘o cais deserto’.

Será então em relação à situação de locução (ao locutor e ao tempo e espaço da locução), que as ocorrências dos nominais em causa serão localizadas/caracterizadas, incluindo a definição das propriedades que no texto são construídas como essenciais, ou seja, como definidoras, garantindo assim a relação entre subjetividade, necessidade e verdade, tal como anteriormente explicitado.

Os referidos nominais que, na forma singular ou plural, designam embarcações apresentam um número de ocorrências diverso: ‘paquete’, 10 ocorrências; ‘vapor’, 10 ocorrências; ‘navio’, 44 ocorrências; ‘barco’, 12 ocorrências; ‘nau’, 3 ocorrências; ‘veleiro’, 1 ocorrência.

<sup>4</sup> ‘Localização’ deve entender-se em sentido abstrato como, aproximadamente, ‘em relação com’ (no francês ‘repérage’ na TOPE). Apenas em relação ao espaço da locução essa relação é de natureza espacial (no francês ‘localisation’ na TOPE).

<sup>5</sup> ‘Situação de locução’ designa o conjunto de parâmetros (sujeito, tempo e espaço) a partir dos quais se podem localizar (validar ou não validar) os conteúdos subjacentes aos enunciados.

O nominais que apresentam menor número de ocorrências são ‘nau’ e ‘veleiro’<sup>6</sup>:

(6)

Gostaria de ter outra vez ao pé da minha vista só veleiros e barcos de madeira, (198-199)  
De não saber doutra vida marítima que a antiga vida dos mares.

(7)

Lá vai ele deixando o lugar defronte do cais onde estou. (869-871)  
Lá vai ele tranquilamente, passando por onde as naus estiveram  
Outrora, outrora...

Tanto o nominal ‘veleiro’ (ou ‘barco/navio de vela’) como o nominal ‘nau’ se definem relativamente a um tempo não só passado, mas historicamente remoto, em rutura com o tempo da locução. Note-se em (6), a caracterização temporal estabelecida por ‘a antiga vida dos mares’ e em (7) por ‘outrora’. Por sua vez, o perfeito ‘estiveram’, em (7), marca um valor temporal passado e fechado.

De um ponto de vista subjetivo, o condicional ‘gostaria’, em (6), marca uma validação fictícia inacessível para o locutor.

Estando associados a um valor de rutura em relação ao tempo e ao sujeito da locução, os nominais ‘veleiro’ e ‘nau’, estão também em rutura com o espaço da locução, ou seja, não apresentam nenhuma propriedade que os relacione com o ‘cais’. Não se trata, por isso, de localização ou de não localização, mas antes de ausência de relação. A propriedade definidora de ‘veleiro’ e ‘nau’ será então a de rutura, ou de ausência de relação<sup>7</sup>.

Além da ocorrência de ‘veleiros’ indicada em (6), ‘navios de vela’ ocorre duas vezes e ‘barco de vela’ uma vez. Em todos os casos, o nominal ‘vela’ é caracterizado pelos os valores já explicitados: rutura em relação à situação de enunciação. Também ‘nau’ marca o mesmo valor quando ocorre duas vezes integrando o nome próprio ‘Nau Catrineta’.

Quanto ao nominal ‘barco’, as ocorrências são as seguintes:

(8)

Surgem barcos pequenos detrás dos navios que estão no porto. (10)

Por causa daquela criatura que nunca chega em nenhum barco (133)

Minhas sensações são um barco de quilha pró ar, (187)

Que apenas o ter-se perdido o barco onde ele ia (192)

Gostaria de ter outra vez ao pé da minha vista só veleiros e barcos de madeira, (198)

<sup>6</sup> Em todos os versos citados neste estudo, os sublinhados são evidentemente acrescentados.

<sup>7</sup> Note-se que o pronominal ‘ele’, em (7), retoma ‘vapor’, nominal que será analisado mais adiante.

Todo o vapor ao longe é um barco de vela perto. (205)

No seu total de crimes, terror, barcos, gente, mar, céu, nuvens, (472)

Dos assaltos aos barcos e das chacinas e das violações! (478)

Não era só ser a hora e os barcos e as ondas, (516)

Grita tudo! tudo a gritar! ventos, vagas, barcos, (603)

Levando os pais em barcos até lá para verem (730)

Subjetivamente, o nominal ‘barco’ é caracterizado de modo não uniforme, podendo estar localizado em relação ao locutor (cf. p. ex. v. 187 e o já referido v. 198), ou em relação a uma terceira pessoa (cf. p. ex. v. 192).

Do mesmo modo, temporalmente, ‘barco’ pode estar associado a um momento temporal presente (cf. v. 187) ou passado (cf. p. ex. v. 192) em relação ao tempo da locução.

No entanto, em relação ao parâmetro espaço da locução, ‘o cais’, é possível definir uma operação invariante: em todas as ocorrências, o nominal ‘barco’ corresponde a um movimento não diretamente localizado em relação ao ‘cais’.

No v. 10 de (8), ‘barcos’ é usado como ilustração do despertar da vida no porto e diretamente localizado não em relação ao ‘cais’, mas em relação aos ‘navios’, tal como marcado pelo verbo ‘surgir’. Quando no nominal está associado a direção ou movimento é de modo indireto, em relação a um localizador intermédio e não em relação à situação de locução (‘criatura que nunca chega em nenhum barco’, ‘levando os pais em barcos’).

Em suma, pode afirmar-se que a propriedade definidora de ‘barco’ corresponde a predicções ou qualificações de situações, mas não designa uma embarcação dotada de um movimento autónomo que seja diretamente localizado em relação ao ‘cais’. A propriedade definidora de ‘barco’ é assim a de não localização em relação ao espaço da enunciação.

O nominal ‘navio’ é o que apresenta maior número de ocorrências. Das 44 ocorrências<sup>8</sup> foram selecionadas, como representativas, as seguintes:

(9)

E quando o navio larga do cais (31-3)  
E se repara de repente que se abriu um espaço  
Entre o cais e o navio,

(10)

E eu vim esperar hoje ao cais, por um mandado oblíquo. (134-7)

---

<sup>8</sup> Uma dezena de ocorrências de ‘barco’ corresponde a expressões nominais independentes (sem verbo), por vezes com valor interjetivo.

Os navios que entram a barra,  
 Os navios que saem dos portos,  
 Os navios que passam ao longe

(11)

Ah, quem sabe, quem sabe, (40-44)  
 Se não parti outrora, antes de mim,  
 Dum cais; se não deixei, navio ao sol  
 Oblíquo da madrugada,  
 Uma outra espécie de porto?

(12)

As viagens agora são tão belas como eram dantes (787-9)  
 E um navio será sempre belo, só porque é um navio.

Tal como o nominal ‘barco’, anteriormente analisado, também o nominal ‘navio’ têm uma definição hiperonímica, próxima da de ‘embarcação’.

Na relação com o parâmetro tempo, os enunciados em que ‘navio’ participa podem apresentar diversos valores. Na maior parte dos enunciados, com valor temporal presente ou valor genérico, a relação inclui uma identificação entre tempo da locução e tempo do enunciado. Porém, num caso, ocorre um pretérito (*deixei*), em rutura com o tempo da locução (cf. (11)), e, noutro caso, um futuro (*será*) que, apesar de futuro morfológico, inclui o momento da locução (cf. (12)).

Na relação com o parâmetro sujeito, ‘navio’ pode estar diretamente localizado em relação ao locutor, como em (10) ou (11), sendo essa localização marcada por formas verbais ou pronominais de primeira pessoa, ou indiretamente. Neste último caso, (cf. (9) e (12)), o enunciado não inclui explicitamente marcas do locutor.

Na relação com o parâmetro espaço da locução, o nominal ‘navio’ é caracterizado por um movimento diretamente localizável como direção em relação ao espaço da locução, o ‘cais’. Este movimento, associado a uma direção que tanto pode ser de aproximação ou de afastamento, é marcado por verbos como ‘largar’, ‘entrar’, ‘sair’, ‘passar’ (cf. (9) e (10)). A propriedade definidora de ‘navio’ é então a de localização em relação ao espaço da locução, podendo essa localização apresentar diferentes direções.

Quanto ao nominal ‘paquete’, as ocorrências são as seguintes<sup>9</sup>:

(13)

Olho e contenta-me ver, (3-5)  
 Pequeno, negro e claro, um pacote entrando.

Mas a minh'alma está com o que vejo menos. (12-3)  
 Com o pacote que entra,

<sup>9</sup> Duas ocorrências (não consideradas na análise) correspondem a estruturas nominais de carácter interjetivo.



Olho de longe o pacote, com uma grande independência de alma, (18-9)  
E dentro de mim um volante começa a girar, lentamente.

Os pacotes que entram de manhã na barra (20-1)  
Trazem aos meus olhos consigo

E o pacote vem entrando, porque deve vir entrando sem dúvida, (128-9)  
E não porque eu o veja mover-se na sua distância excessiva.

Eis outra vez o mundo real, tão bondoso para os nervos! (766-9)  
Ei-lo a esta hora matutina em que entram os pacotes que chegam cedo.  
Já não me importa o pacote que entrava. Ainda está longe.  
Só o que está perto agora me lava a alma.

A minha imaginação higiênica, forte, prática, (770-2)  
Preocupa-se agora apenas com as coisas modernas e úteis,  
Com os navios de carga, com os pacotes e os passageiros,

Nas ocorrências do nominal ‘pacote’, pode verificar-se uma relação com o sujeito da locução, marcada por formas verbais ou pronominais de primeira pessoa, como, p. ex., ‘olho’, ‘contenta-me’, ‘vejo’, ‘minha’, ‘me’, ... Subjetivamente, é esta relação que caracteriza ‘pacote’: a sua existência é construída a partir desta relação com o locutor. O pacote existe em relação a um ‘eu’.

Temporalmente, o presente indicativo marca os enunciados, exceto no v. (766-9), onde surge o imperfeito ‘entrava’. Tal como Campos ([1991]1997) e (2003) esclarece, o presente morfológico pode, no texto em causa, indicar ou um valor temporal de presente ou um valor temporal genérico. Independentemente disso, como presente ou como genérico, ambos estão em relação com o tempo da locução: por um lado há uma identificação com o tempo da locução no caso de presente; por outro lado, o valor temporal genérico inclui o momento da locução<sup>10</sup>.

O movimento que caracteriza ‘pacote’, a localização em relação ao espaço da locução, é marcado pelo verbo ‘entrar’, ou seja, a propriedade definidora de ‘pacote’ é de aproximação em relação ao ‘cais’.

Assim sendo, este nominal é então objeto de uma localização em relação a todos os parâmetros enunciativos: o locutor, o tempo da locução e o espaço da locução.

No entanto, no verso *Já não me importa o pacote que entrava* (em 766-9) de (13), a ocorrência do imperfeito ‘entrava’ em relação com a negação marca um corte subjetivo, temporal e espacial: ‘pacote’ é então marcado como não localizado em relação ao locutor (‘Já não me importa’), em relação ao tempo (‘entrava’ implica a não validação no presente, parafraseável por “entrava mas já não entra”) e em relação ao espaço (‘ainda está longe’).

<sup>10</sup> Em relação ao parâmetro tempo, considera-se que um enunciado genérico é localizado em momentos temporais presentes, passados ou futuros, definidos no texto. Campos, nos artigos acima citados, explica detalhadamente as ocorrências de ‘pacote’ e ‘vapor’ ao nível da determinação nominal, do tempo e do aspeto.



Ao nominal ‘vapor’ correspondem as seguintes ocorrências<sup>11</sup>:

(14a)

Todo o vapor ao longe é um barco de vela perto. (205-6)  
 Todo o navio distante visto agora é um navio no passado visto próximo.

Os portos cheios de vapores de muitas espécies! (791)

Vapores nos portos, tão individuais na separação destacada dos ancoramentos! (794)

E o destino comercial dos grandes vapores (801-2)  
 Envaidece-me da minha época!

E tem ao fim um destino marítimo, um vapor onde embarquem (824-5)  
 As mercadorias de que as cartas e as facturas tratam.

Porque tudo isto vem a propósito dos vapores, da navegação moderna, (834)

Despeço-me desta hora no corpo deste outro navio (861-6)  
 Que vai agora saindo. É um tramp-steamer inglês,  
 Muito sujo, como se fosse um navio francês,  
 Com um ar simpático de proletário dos mares,  
 E sem dúvida anunciado ontem na última página das gazetas.  
 Enternece-me o pobre vapor, tão humilde vai ele e tão natural.

Passa, lento vapor, passa e não fiques... (886-8)  
 Passa de mim, passa da minha vista,  
 Vai-te de dentro do meu coração.

Nas ocorrências indicadas em (14a), podemos constatar que ‘vapor’, tal como se verificava com ‘paquete’, é localizado em relação a todos os parâmetros da situação de locução: locutor, tempo e espaço da locução.

O valor temporal presente e o valor temporal genérico são marcados pelos presente indicativo (‘é’, ‘envaidece’, ‘vem’,...) e, num caso, pelo presente conjuntivo (‘onde embarquem’) como predicção sobre ‘vapor’. Estes valores temporais permitem, também neste caso, e pelas razões apontadas anteriormente a propósito de ‘paquete’, uma relação de identificação com o tempo da locução.

Porém, em relação aos outros dois parâmetros da situação de locução podem estabelecer-se diferenças entre os nominais ‘vapor’ e ‘paquete’.

Em relação ao locutor, a localização é marcada por formas verbais e pronominais de primeira pessoa (‘me’, ‘mim’, ‘minha’, despeço’), mas nos v. (886-8) são introduzidas formas verbais (‘passa’, ‘fique’, ‘vai’) e pronominais (‘te’) de segunda pessoa. A presença desta segunda pessoa é ainda mais evidente nos versos seguintes, sendo ‘vapor’ designado pelo vocativo

<sup>11</sup> Em duas ocorrências, não consideradas na análise, ‘vapor’ participa em estruturas nominais independentes (sem verbo).

‘meu pobre amigo casual’ e associado a mais formas verbais e pronominais de segunda pessoa (‘fizeste’, ‘contigo’, ‘ti’, ‘tua’, ‘te’...):

(14b)

Boa viagem, meu pobre amigo casual, que me fizeste o favor (875-7)  
De levar contigo a febre e a tristeza dos meus sonhos,  
E restituir-me à vida para olhar para ti e te ver passar.

Na tua saída do porto de Lisboa, hoje! (880-1)  
Tenho-te uma afeição curiosa e grata por isso...

Esta relação dialógica distingue claramente ‘paquete’ e ‘vapor’, opondo uma relação distante (no caso de ‘paquete’: eu/ele) a uma relação próxima (no caso de ‘vapor’: eu/tu). ‘Vapor’ é assim um interlocutor fictício.

No entanto, a localização em relação ao espaço da locução, ‘o cais’, vai ser simetricamente inversa à que se verifica em relação ao sujeito da locução. Por um lado, ‘paquete’ era caracterizado por um movimento de entrada, ou seja, de aproximação, em relação ao cais (ainda que esse movimento não seja concretizado). Subjetivamente, a relação com ‘paquete’ é uma relação de distância (não dialógica), como vimos. Por outro lado, ‘vapor’ será caracterizado por um movimento de saída, ou seja, de afastamento, mas a relação com o locutor é de proximidade (dialógica).

O movimento de saída caracteriza efetivamente a localização de ‘vapor’ em relação ao espaço da locução e pode ser entendido como a sua propriedade definidora, tal como se pode verificar em (14b), principalmente nos v. (880-1). Tal movimento de saída, ao contrário do movimento de entrada que localiza ‘paquete’, é, no caso de ‘vapor’, atualizado no presente, como se pode ver no seguinte verso:

(14c)

Lá vai ele deixando o lugar defronte do cais onde estou. (869)

## Conclusões

Este texto tenta demonstrar que o conhecimento subjetivo (suputação) se impõe ao conhecimento objetivo (necessidade epistémica) como característica fundamental do texto literário.

Tendo em conta operações de localização em relação à situação de locução (sujeito, tempo e espaço da locução), são caracterizadas e diferenciadas as ocorrências dos nominais que designam embarcações na *Ode Marítima* de Álvaro de Campos. Em particular, a relação com o espaço da locução permite distinguir para cada nominal uma propriedade definidora: ‘nau’ e veleiro são caracterizados por uma relação de rutura; ‘barco’, por uma relação de não localização; ‘navio’, por uma relação de localização associada a diferentes direções; ‘paquete’, por uma relação de localização associada a uma direção de entrada; ‘vapor’, por uma relação de localização associada a uma direção de saída.

Estas propriedades definidoras fundamentam subjetivamente a relação entre necessidade e verdade no texto literário.

## Referências

Bédouret-Larraburu, S & Copy, Ch. (Eds.) (2018a) *L'épilinguistique sous le voile littéraire : Antoine Culioli et la TO(P)E*. Presses de l'Université de Pau et des Pays de l'Adour.

Bédouret-Larraburu, S. & Copy, C. (2018b) Le scintillement de l'épilinguistique. In Bédouret-Larraburu, S. & Copy, C. (eds.) (2018) *L'épilinguistique sous le voile littéraire: Antoine Culioli et la TO(P)E*. Presses de l'Université de Pau et des Pays de l'Adour, pp. 13-27.

Campos, M. H. C. (1979) Aplicação de uma grade enunciativa - leitura da ode 'A nada imploram tuas mãos já coisas' de Ricardo Reis», *Letras Soltas* 1, pp. 37-41.

Campos, M. H. C. ([1991]1997) Modalização e referência nominal (Para uma abordagem da Ode Marítima de Álvaro de Campos). In *Tempo, Aspeto e Modalidade: Estudos de Linguística Portuguesa*. Porto: Porto Editora, pp. 135-142.

Campos, M. H. C. (2003) Exercício sobre uma ode. In *Razões e emoções: Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, vol. 1, pp. 115-128.

Culioli, A. (1975-76) *Séminaire de D.E.A.: Recherche en Linguistique - Théorie des opérations Énonciatives. Transcription par les étudiants*. Université de Paris VII.

Danon-Boileau, L. (1982) *Produire le fictif: linguistique et écriture romanesque*. Paris: Klincksieck